

Mercado de trabalho, desempenho acadêmico e o impacto sobre a satisfação universitária*

*Marucia Patta Bardagi*¹

Universidade Federal de Santa Catarina

*Claudio Simon Hutz*²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A satisfação dos estudantes universitários com seu curso e profissão é multideterminada. Este estudo avaliou percepções quanto ao mercado de trabalho e ao desempenho acadêmico em relação aos índices de satisfação e probabilidade de evasão. Participaram 939 estudantes de 14 cursos de instituições públicas e privadas de ensino superior do Rio Grande do Sul (50,9% mulheres), entre 18 e 30 anos, que responderam a um questionário sociodemográfico e vocacional em aplicações coletivas. Houve associação entre avaliação negativa do mercado e do desempenho e maior probabilidade de evasão. Ainda, a avaliação do mercado e do desempenho variou de acordo com a área de formação. Salienta-se a necessidade de maior discussão na universidade sobre as relações entre desempenho acadêmico e profissional e sobre as condições do mercado de trabalho, aspectos importantes para a satisfação e permanência do aluno.

Palavras-chave: Mercado de trabalho – Desempenho acadêmico – Evasão – Satisfação acadêmica.

Students' satisfaction with their course and profession is multifactorial. This study assessed perceptions about the labor market as well as academic performance, in relation to satisfaction and probability of dropout. The study included 939 students from both private and public higher education institutions in 14 different areas (50.9% women), between 18 and 30 years, who answered a socio-demographic and vocational questionnaire collectively. There was an association between negative labor market perception and performance and greater probability of dropout. Also, labor market and academic performance perceptions varied according to the training area. The results indicate the need for further discussion at the university on relations between academic and professional performance and the conditions of the labor market, important aspects of student satisfaction and retention.

Keywords: Labor market – Academic performance – Dropout – Academic satisfaction

* Labor market, academic performance and the impact on university satisfaction

¹ Agradecimentos: CAPES que concedeu bolsa de doutoramento à M.P. Bardagi, a qual permitiu a realização deste estudo. Endereço para correspondências: Rua João Pio Duarte Silva, 180/103, Córrego Grande, Florianópolis, SC, 88037-000 (marucia.bardagi@gmail.com).

² Endereço para correspondências: Laboratório de Mensuração, Rua Ramiro Barcelos, 2600, sala 101, Santa Cecília, Porto Alegre, RS, 90035-003 (claudio_hutz@terra.com.br).

Introdução

Na literatura vocacional, tanto os estudos sobre satisfação de vida e acadêmica quanto os estudos sobre evasão apontam para uma multideterminação de fatores associados a esses fenômenos. Geralmente estão associados à satisfação aspectos como decisão e identidade de carreira, traços de personalidade, orientação para o trabalho, nível sócio-econômico, rendimento acadêmico, satisfação com atividades acadêmicas, bom relacionamento interpessoal, qualidade do curso e da universidade e percepção de mercado de trabalho favorável (BARDAGI et al., 2003; CHOW, 2005; LOUNBURY et al., 2005). Já os fatores associados à evasão mais frequentemente citados são descontentamento com a qualidade docente, o modelo pedagógico e a estrutura; dificuldades com horários das disciplinas, impossibilidade de trabalhar e estudar ao mesmo tempo; mau relacionamento professor-aluno, pouca integração social à universidade, falta de perspectivas profissionais, mau desempenho durante o curso e reprovações, entre outros (LEHMAN, 2005; RIBEIRO, 2005; VELOSO & ALMEIDA, 2001).

Entre os vários aspectos associados tanto à satisfação quanto à evasão de curso, o mercado de trabalho e o desempenho acadêmico percebidos durante a graduação estão entre aqueles que receberam menor atenção. Estes aspectos são importantes para a formação do senso de competência dos alunos (desempenho acadêmico), para a elaboração dos projetos profissionais e para a motivação na transição universidade-trabalho (percepções em relação ao mercado), mas pesa para a pouca representatividade nos estudos o fato de serem aspectos de difícil mensuração. O mercado de trabalho, pois oscila conforme as condições econômicas e tem diferenças de área importantes, além dos postos de trabalho não corresponderem exatamente às profissões regulamentadas e àquelas delimitadas pelos cursos de graduação. Já a avaliação do desempenho depende da forma como a produção acadêmica é avaliada em cada instituição, curso ou disciplina e não se resume somente às notas ou percentuais de aprovação/reprovação dos alunos.

Com relação ao mercado de trabalho, os estudos usualmente se concentram em avaliações da inserção profissional de egressos de cursos/áreas específicos, investigando as principais barreiras e facilidades desta inserção (BARDAGI et al., 2008; PÜSCHEL et al., 2009). Estes estudos indicam lacunas na formação, apontam diretrizes para as reformas curriculares necessárias e auxiliam no mapeamento da inserção dos profissionais saídos do ensino superior. Outra linha de estudos aponta as relações entre o desempenho da profissão no mercado (remuneração média, ofertas de emprego) e a busca de jovens estudantes por essa profissão. Entretanto, há necessidade de maior volume de estudos realizados sobre o impacto das percepções do mercado sobre os alunos universitários durante a formação.

No estudo de Neiva (1996), sobre os efeitos psicológicos provocados pelas dificuldades do mercado de trabalho em estudantes de fim do curso, os estudantes das áreas com fraco mercado, quando comparados com aqueles de áreas com boas possibilidades, estimaram menos ofertas de emprego para sua profissão, menos chances de exercê-la logo após a formatura e maior tempo necessário para estabilidade na carreira. Entretanto, a autora observou também que estes estudantes mostraram-se mais decididos quanto ao projeto pós-universitário e à futura atividade profissional e fizeram mais projetos de inserção profissional imediata após a formatura. Uma explicação sugerida pela autora para a maior decisão dos alunos cujo mercado é desfavorável é de que a maior preocupação os impulsionaria a tomar decisões relacionadas com o futuro profissional; ao antecipar as dificuldades que vão encontrar e a possibilidade de desemprego, eles apresentariam comportamentos de planejamento de alternativas com vistas a superar estas dificuldades.

Teixeira e Gomes (2004), ao entrevistar formandos de dois cursos universitários (um com mercado favorável e outro com mercado desfavorável), identificaram expectativas de forma geral otimistas nos dois grupos, mas também que o nível de conhecimento dos formandos sobre a situação do mercado era dependente de relações interpessoais. Aqueles que tinham familiares que atuavam na mesma profissão descreveram o mercado de uma maneira mais detalhada e mostraram-se mais cientes das dificuldades e oportunidades existentes, enquanto aqueles distanciados de pessoas envolvidas com a profissão admitiram não conhecer muito a situação real do mercado.

Uma vez que é difícil avaliar a real situação do mercado de trabalho em cada profissão, grande parte dos estudos existentes avalia a percepção que os alunos têm sobre o mercado; os resultados destes estudos indicam que estas percepções parecem ser um definidor da satisfação e da permanência no curso entre os universitários. Bardagi e Colaboradores (2003), em uma pesquisa com alunos na fase intermediária da graduação, apontam que entre os estudantes pouco satisfeitos ou insatisfeitos com a escolha profissional, o mercado de trabalho percebido como desfavorável e a má estrutura do curso foram as justificativas mais frequentes utilizadas pelos alunos (66%); entre os muito satisfeitos ou satisfeitos, o mercado percebido como favorável foi a segunda justificativa mais frequente. Teixeira e Gomes (2005) identificaram que a percepção de mercado favorável está associada a maior percepção de oportunidades de emprego, além de maior otimismo quanto à inserção e obtenção de resultados. Ao contrário do resultado obtido por Neiva (1996), aqui os autores observaram que o mercado percebido como desfavorável está associado a uma menor decisão de carreira.

Melo e Borges (2007) apontam o perigo de uma percepção equivocada dos alunos de que a universidade só deve preparar para o mercado,

mas também salientam a necessidade de intervenções institucionais que introduzam o jovem mais cedo no contexto em que irá atuar como profissional e o preparem em aspectos psicossociais (identidade profissional, imagem pessoal, socialização organizacional, etc.), que interferem no projeto da carreira e que podem desenvolver a empregabilidade. A avaliação de que a universidade não prepara para a inserção, não oferece informações realistas sobre o mercado e não propicia experiências realmente relevantes para o desenvolvimento de competências de trabalho é freqüente nos estudos (GONDIM, 2002; PITCHER & PURCELL, 1998; TEIXEIRA & GOMES, 2004).

No entanto, como aponta Gondim (2002), os alunos não têm uma clara definição do perfil profissional exigido no mercado de trabalho para suas áreas, o que prejudica a elaboração de planos futuros mais definidos e consistentes. Os alunos parecem apenas ter uma idéia geral de características valorizadas pelos empregadores (RUEDA et al., 2004), mas não parecem saber integrá-las em um perfil de trabalho referente às suas especialidades. O desconhecimento da realidade do mercado faz com que os estudantes tenham imagens idealizadas ou distorcidas da profissão.

Em relação às diferenças de gênero e área de formação, os estudos tendem a apontar menor otimismo feminino quanto à inserção e possibilidades do mercado (BARDAGI et al. 2003; WOLTER & ZBINDEN, 2002), enquanto os homens tendem a perceber menos barreiras de carreira (ALBERT & LUZZO, 1999; LINDLEY, 2005) e tem expectativas de maior remuneração e maior crescimento profissional (MORGAN et al., 2000). Estes resultados talvez reflitam a real desproporção ainda existente entre salários, promoções e contratações entre homens e mulheres (LEONE & BALTAR, 2006). Quanto à área, são poucos os estudos avaliando estas diferenças; há resultados que apontam que alunos de áreas mais tecnológicas e exatas têm expectativas mais estáveis em relação ao mercado do que alunos de outras áreas (PITCHER & PURCELL, 1998), mas ainda são necessários outros estudos que confirmem esses dados, especialmente no Brasil.

Quanto ao desempenho acadêmico, por ser uma informação que boa parte das instituições não divulga, os estudos são bastante escassos. Muitos, assim como feito também em relação à avaliação do mercado, utilizam o desempenho percebido pelos alunos como variável de análise (a partir de uma avaliação feita pelo estudante de seu desempenho em termos de notas e na comparação com o restante dos colegas). Os estudos internacionais, que costumam avaliar o desempenho a partir das notas semestrais e da taxa de retenção (permanência) dos alunos, apontam correlações positivas entre desempenho acadêmico e características de personalidade como otimismo (MONTEIRO et al., 2008), realização e abertura à experiência (dimensões do modelo dos Cinco Grandes Fatores) (KOMARRAJU et al., 2009; TODD et al., 2009),

auto-eficácia (BROWN et al., 2008; TODD et al., 2009), desempenho acadêmico anterior à entrada na universidade (BROWN et al., 2008), motivação acadêmica (KOMARRAJU et al., 2009), entre outros aspectos; ainda, o desempenho costuma ser negativamente correlacionado com ansiedade (TODD et al., 2009) e neuroticismo (KOMARRAJU et al., 2009).

Como apontam Brown e Colaboradores (2008), o desempenho é determinado por um conjunto complexo de variáveis prévias à entrada no ensino superior, relativas à organização e estrutura acadêmica e de características pessoais. Mas de forma geral, os estudos salientam a importância do desempenho acadêmico para a evasão/permanência no ensino superior, troca de curso ou instituição e motivação do aluno (ALLEN et al., 2008; TODD et al., 2009). Todd e Colaboradores (2009) afirmam, inclusive, que muitos alunos tem dificuldade em se desligar das notas como seu primeiro (ou às vezes único) ponto de referência de formação. Para Vendramini e Colaboradores (2004), o desempenho é uma dimensão central na avaliação da integração do aluno ao ensino superior e costuma relacionar-se também ao prestígio e reconhecimento em relação a colegas e professores. As notas ocupariam um lugar de destaque na vida de qualquer estudante, representando uma forma de quantificação do conhecimento do aluno.

Estudos nacionais sobre desempenho acadêmico têm realizado correlações entre desempenho na universidade e habilidades cognitivas (PRIMI et al., VENDRAMINI, 2002), desempenho no vestibular (SILVA & PADOIN, 2008), diferenças entre gênero e tipo de escola frequentada no ensino médio (MAIA et al., 2009), mas não foram encontrados estudos associando desempenho a variáveis de carreira.

Nesse sentido, esse estudo buscou realizar um levantamento acerca do impacto das percepções sobre o mercado de trabalho e sobre o desempenho acadêmico nos índices de satisfação acadêmica e na probabilidade de abandono do curso entre estudantes universitários. Ainda, buscou-se avaliar as associações de gênero, momento no curso e área de formação nestas percepções. Espera-se poder contribuir para a melhor compreensão da experiência acadêmica e identificar aspectos que possam ser incluídos em intervenções que visem a favorecer o envolvimento dos estudantes com sua formação e carreira futura.

Método

Participantes: Participaram deste estudo 939 estudantes universitários (50,9% mulheres), com idades entre 18 e 30 anos ($M= 22$ anos; $DP= 2,93$ anos), cursando graduação em 14 cursos de instituições públicas (57,5%) e privadas (42,5%) de Ensino Superior de Porto Alegre, nas diferentes áreas de formação,

definidas a partir da tabela de áreas do CNPq. Havia, entre os participantes, 36,8% de estudantes em início de curso, 30% de estudantes em meio de curso e 33,2% de alunos em final de curso. Em sua maioria os alunos estudavam em turno diurno (73%), eram solteiros (89,7%), moravam com os pais (63,5%) e estava em sua primeira graduação (77,6%). A Tabela 1 apresenta os cursos e áreas dos participantes.

Tabela 1
Identificação dos cursos, número e percentual de participantes por área de formação.

Áreas	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	Engenharias, Ciências Exatas e da Terra	Ciências da Saúde, Biológicas e Agrárias	Linguísticas, Letras e Artes
N (f) - %	(202) – 21,5%	(343) – 36,5%	(250) – 26,6%	(144) – 15,3%
Idade Média	22,5 anos	22,2 anos	21,6 anos	21,9 anos
Sexo	(55) – 28%	(235) – 68%	(101) – 40%	(69) – 48%
Masc	(145) – 72%	(108) – 32%	(149) – 60%	(75) – 52%
Fem				
Cursos	Filosofia Biblioteconomia Pedagogia Serviço Social	Eng. de Minas Química Geologia Engenharia Civil Eng.Mecân./ Mecatrôn.	Educação Física Nutrição Biologia	Letras Música Artes Cênicas

Um pouco mais da metade dos alunos participava de alguma atividade acadêmica não-obrigatória (51%). Destes, 6,5% faziam atividade de monitoria, 17,4% tinham bolsa de iniciação científica e 32,4% realizavam estágio na área, sendo que as atividades não eram excludentes e muitos alunos tinham mais de uma atividade. Em relação a atividades de trabalho, 37,2% dos alunos trabalhavam e 46,1% destes realizavam tarefas sem relação com o curso freqüentado.

Instrumento

Para coleta de dados foi aplicado um questionário sociodemográfico e vocacional aos participantes. Este instrumento foi criado para esta pesquisa,

investigando informações sobre características pessoais, familiares, sócio-econômicas e ocupacionais dos alunos (atividades acadêmicas, trabalho, níveis de satisfação com a escolha profissional, percepção sobre o mercado de trabalho, avaliação do próprio desempenho e intenção de evasão). O modelo está no Anexo A.

Procedimentos e considerações éticas

Foram feitos contatos com as coordenações ou direções de cada unidade, por *e-mail*, a fim de esclarecer os objetivos da pesquisa e solicitar a participação das mesmas na amostra. Após o aceite, foram marcadas datas e horários (de acordo com a disponibilidade dos professores responsáveis pelas disciplinas iniciais, intermediárias e finais dos cursos) para aplicação dos instrumentos. Os participantes responderam ao instrumento em aplicações realizadas coletivamente em sala de aula. A participação no estudo foi voluntária, sendo solicitada aos participantes a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As instituições colaboradoras receberam um relatório com os resultados finais do estudo logo após o término do trabalho e os alunos participantes foram encaminhados para atendimento especializado na área de orientação profissional e de carreira sempre que houve solicitação. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Resultados

Ao analisarmos a participação em atividades como monitoria, bolsa ou estágio, observou-se que o envolvimento em atividades não-obrigatórias está associado ao gênero, independente da área de formação: as mulheres (52%) apresentaram maior envolvimento nas atividades não-obrigatórias do que os homens (45%) ($c^2= 4,84$; $gl= 1$; $p < 0,05$). Quando avaliamos a área de formação, tomando separadamente homens e mulheres, para ambos os alunos de Exatas (55% e 63,9%) e Biológicas (46,5% e 53,7%) têm maior envolvimento nestas atividades enquanto os alunos de Humanas (30,9% e 48%) e Letras e Artes (20,3% e 29,3%) são os que menos participam de atividades não-obrigatórias ($c^2= 31,6$; $gl= 3$; $p < 0,001$; $c^2= 22,1$; $gl= 3$; $p < 0,001$). Já com relação ao período no curso, observou-se que alunos em meio (56,9%) ou final de curso (65%) estão mais envolvidos com atividades não-obrigatórias do que alunos em início de curso (28,2%) ($c^2= 98,32$; $gl= 2$; $p < 0,001$).

Os alunos responderam, ainda, questões relativas à satisfação com a profissão escolhida. Na amostra total, há maioria de alunos satisfeitos ou muito satisfeitos.

Os alunos de Humanas (32,3%) se declararam “pouco satisfeitos” com a profissão em maior frequência do que os alunos de Exatas (23,7%), Biológicas (25,8%) e Letras e Artes (13,6%) ($c^2= 25,49$; $gl= 12$; $p<0,05$). Não houve associação entre gênero ou período no curso e satisfação com a profissão. Aqueles alunos que se descrevem como “muito satisfeitos” com a profissão, com maior frequência participam de atividades não-obrigatórias, enquanto alunos “insatisfeitos” com maior frequência não têm atividades ($c^2= 17,60$; $gl= 4$; $p <0,01$).

Quanto às avaliações do mercado de trabalho e do próprio desempenho acadêmico, A Tabela 2 apresenta os percentuais de avaliação do mercado e desempenho para a amostra total e também de acordo com gênero, área de formação e participação em atividades não-obrigatórias. Os alunos tiveram, em sua maioria, uma avaliação positiva tanto do mercado de trabalho quanto do próprio desempenho. Não houve associação entre período no curso e avaliação do mercado ou do desempenho acadêmico. Houve associação entre área de formação e avaliação do mercado de trabalho ($c^2= 115,31$; $gl= 15$; $p <0,001$). Alunos de Humanas declararam com maior frequência do que os outros não saberem avaliar o mercado ou que ele é “ruim”; alunos de Letras e Artes declararam com maior frequência do que os demais uma avaliação “muito ruim”, “ruim” ou “razoável” e alunos de Exatas declararam com maior frequência do que os outros uma avaliação do mercado como “bom” ou “muito bom”.

Tabela 2

Avaliação do mercado de trabalho e do desempenho acadêmico para grupo total, gênero, área de formação e participação em atividades não-obrigatórias.

	Total	Gênero		Área de formação				Atividades não obrig.	
		M	F	H	E	B	La	Não	Sim
Mercado									
M. bom	14,3	17,8	10,7	8,9	21,6	12,8	6,9	15,4	13,1
Bom	36,1	35	37,2	31,2	45,3	38	18,1	33,2	39,2
Razoável	34,1	33,3	35,1	36,6	26,9	35,2	45,8	34,2	34
Ruim	10,9	10,2	11,6	14,9	4,7	11,2	19,4	10,4	11,3
M. ruim	3,4	2,6	4,2	4,5	1,5	2,8	7,6	4,6	2,2
Não sei	1,2	1,1	1,3	4,0	0	0	2,1	2,1	0,2
Desemp.									
M. bom	12,8	9,3	15,8	20,3	5,3	16,9	13,2	10,3	15,5
Bom	58,3	52,2	64,4	51,5	57	60,2	67,4	55,9	60,8
Razoável	25,3	33,9	17,1	22,8	32,2	21,7	18,8	30,8	19,6
Ruim	3,2	4,1	2,3	5	5	1,2	0	2,5	3,9
M. ruim	0,4	0,4	0,4	0,5	0,6	0	0,7	0,6	0,2

Também houve associação entre área e avaliação do desempenho acadêmico, para homens e mulheres ($\chi^2 = 29,2$; $gl = 12$; $p < 0,01$; $c^2 = 36,7$; $gl = 12$; $p < 0,001$, respectivamente): entre os homens, os alunos de Exatas avaliaram com maior frequência do que os outros o próprio desempenho como “ruim” (11%) e os alunos de Letras e Artes avaliaram com maior frequência do que os outros o próprio desempenho como “muito bom” (18%); entre as mulheres, as alunas de Humanas (23,5%) e Biológicas (24,1%) avaliaram mais frequentemente do que as demais seu desempenho como “muito bom” e as alunas de Letras e Artes (74%) como “bom”. Não houve associação entre gênero e avaliação do mercado de trabalho ($p < 0,07$). Com relação à avaliação de desempenho acadêmico, as mulheres declararam com maior frequência um desempenho “bom” ou “muito bom” e os homens um desempenho “razoável” ($c^2 = 42,29$; $gl = 4$; $p < 0,001$).

Alunos que não participam de atividades não-obrigatórias tenderam, com maior frequência do que os outros, a avaliar o mercado como “muito ruim” ou não saber avaliá-lo, ($c^2 = 14,44$; $gl = 5$; $p < 0,05$). A satisfação com a profissão associou-se à avaliação do mercado: os alunos muito satisfeitos com a profissão com maior frequência avaliaram o mercado como “muito bom” e aqueles alunos pouco satisfeitos ou insatisfeitos com mais frequência avaliaram o mercado como “muito ruim” ou “ruim” ($c^2 = 116,32$; $gl = 20$; $p < 0,001$). Ao avaliarem a probabilidade de efetivamente abandonarem o curso atual, 86,2% a descreveram como baixa (respostas 1 e 2 em uma escala gradual de 5 pontos) e apenas 5% a descreveram como alta (respostas 4 e 5 na mesma escala). A média masculina (1,66) é significativamente maior do que a feminina (1,49) ($t = 2,88$; $gl = 934$; $p < 0,01$). Houve diferenças na probabilidade de abandono do curso de acordo com o período frequentado: diminui significativamente a média do início (1,76) para o meio do curso (1,56), assim como do meio para o final da graduação (1,36) [$F(2,933) = 15,43$; $p < 0,001$].

Discussão

Esta pesquisa buscou descrever as percepções sobre o mercado de trabalho e o desempenho acadêmico de universitários, e suas relações com gênero, área de formação, satisfação com a profissão e probabilidade percebida de abandono do curso. Os índices gerais de satisfação com a profissão, mercado de trabalho e desempenho acadêmico apontaram para uma avaliação geral favorável da formação por parte dos alunos, o que é um resultado positivo; no entanto, ao avaliarmos esses índices em relação a características específicas (gênero, área de formação, envolvimento no curso), os resultados indicam situações particulares que merecem maior atenção.

Com relação ao mercado de trabalho foi alto o número de alunos que o descreveu entre “muito ruim”, “ruim” e “razoável” (48,4%), gerando uma preocupação quanto ao impacto destas percepções negativas no envolvimento acadêmico destes estudantes. Os estudos revisados costumam identificar as percepções do mercado de trabalho como critérios importantes para a satisfação e a permanência no curso, além de um dos aspectos fundamentais da decisão de carreira (BARDAGI et al., 2003; NEIVA, 1996; TEIXEIRA & GOMES, 2004, 2005). A percepção de um mercado de trabalho favorável está associada a maior envolvimento acadêmico, maior otimismo em relação à profissão e às possibilidades de inserção ocupacional, ao passo que perceber o mercado de forma negativa é uma das maiores barreiras de carreira percebidas tanto por homens quanto por mulheres. Assim, identificar que muitos alunos têm uma percepção negativa das possibilidades futuras de trabalho pode acarretar em diminuição da motivação e do otimismo para a busca de emprego, ou em menor envolvimento em atividades durante a graduação.

Neste estudo, as avaliações mais positivas do mercado foram feitas pelos alunos das áreas de Exatas e Biológicas, alunos que participam de atividades acadêmicas e alunos mais satisfeitos com a profissão; ainda, a avaliação do mercado relacionou-se negativamente com probabilidade de evasão. Esses resultados confirmam as relações entre percepção do mercado e satisfação de carreira e apontam para o papel mediador que a área de formação pode estar desempenhando na avaliação das condições do mercado (MORGAN et al., 2000; PITCHER & PURCELL, 1998), pois os alunos das áreas de Humanas e Letras e Artes têm pior avaliação do mercado, e também pior satisfação com a profissão. Pode-se pensar que as condições objetivas de inserção, remuneração e progressão de carreira nestas áreas estejam menos favoráveis do que nas áreas de Exatas e Biológicas; além disso, ao favorecerem o contato com as atividades acadêmicas, estas últimas podem estimular uma percepção mais atual e realista do mercado.

Com relação ao gênero, neste estudo não houve diferença nas avaliações de homens ou mulheres sobre o mercado de trabalho, ao contrário do que sugeriam alguns estudos revisados (ALBERT & LUZZO, 1999; BARDAGI et al., 2003; WOLTER & ZBINDEN, 2002). Aqui, pode-se pensar que embora ainda exista uma desproporção salarial e de contratações entre homens e mulheres (MORGAN et al., 2000) a observação da maior inserção feminina no mercado de trabalho de uma forma geral (em diferentes áreas de formação e níveis hierárquicos) e também o aumento da representação feminina nos cursos de graduação, ocorrida nos últimos dez anos, esteja nivelando as percepções de dificuldades. Ainda, o maior engajamento feminino nas atividades não-obrigatórias, como bolsas, estágios e monitoria, podem auxiliar na confiança para o exercício profissional, diminuindo a insegurança e a percepção de barreiras.

A relação entre satisfação e percepção do mercado também permite que se discuta a importância da identificação com o curso e a carreira como um mediador da percepção de barreiras de carreira (ALBERT & LUZZO, 1999; LENT et al., 2002), uma vez que os alunos mais identificados e satisfeitos podem apresentar uma avaliação mais positiva e otimista em relação ao mercado, fruto de maior segurança e autoconfiança. Nesse sentido, o resultado apontando uma tendência de melhoria da avaliação do mercado à medida que o curso avança pode representar essa maior identificação do aluno com o curso (supondo-se que os alunos menos satisfeitos estejam menos representados nos períodos posteriores em função da evasão) e seu maior conhecimento da realidade profissional a partir do envolvimento progressivo em atividades acadêmicas.

Assim, esses resultados alertam para a importância que as questões contextuais da inserção, remuneração e progressão profissional assumem para o aluno universitário e para a importância da discussão, no ambiente universitário, sobre o mercado de trabalho e as diferenças que marcam a trajetória de carreira nas diferentes áreas de formação. Novos estudos poderão aperfeiçoar a compreensão das relações entre formação, mercado e satisfação, por exemplo, avaliando objetivamente as condições do mercado de trabalho nas diferentes áreas, aspecto não contemplado neste estudo; inclusive, esses novos estudos permitiriam uma comparação entre os aspectos reais e percebidos do mercado, o que forneceria dados também sobre a qualidade do conhecimento da realidade profissional que os alunos possuem.

Os resultados relativos ao desempenho acadêmico mostram também associado à área de formação, gênero, período no curso, probabilidade de evasão e satisfação com a profissão. Assim como ao avaliarem o mercado, os índices de avaliação “muito ruim”, “ruim” e “razoável” do desempenho foi relativamente alto (28,9%), indicando que para muitos estudantes há uma frustração nas expectativas de rendimento e uma percepção negativa na comparação com os colegas. Uma vez que o desempenho também é considerado aspecto fundamental da adaptação acadêmica, da motivação e da retenção (ALLEN et al., 2008; TODD et al., 2009; VENDRAMINI et al., 2004), esse resultado, aliado à correlação negativa entre desempenho e probabilidade de evasão indicam um contexto de alerta e também um espaço para intervenções junto ao aluno. Tanto um mau desempenho pode levar à desmotivação e ao desengajamento progressivo com o curso, quanto a insegurança e a pouca identificação com o curso/carreira podem favorecer um menor envolvimento e empenho do aluno, diminuindo o rendimento. De qualquer forma, os alunos que apresentam problemas de rendimento devem ser vistos como um grupo de risco à evasão ou candidatos a uma trajetória acadêmica mais irregular, que deveriam ser acompanhados de forma mais sistemática pela instituição.

Como sugestões nesse sentido, estratégias de intervenção pedagógicas podem auxiliar os alunos a superar dificuldades com conteúdos específicos, ou organização do tempo e dos estudos, o que pode contribuir com o rendimento acadêmico; ainda, intervenções de aconselhamento podem ajudar o aluno a discriminar os aspectos relevantes do desempenho que estão associados ao futuro exercício profissional. Além disso, o auxílio ao desenvolvimento de habilidades cognitivas específicas ligadas ao desempenho em diferentes áreas (PRIMI et al., 2002) pode gerar benefícios para os diferentes problemas de rendimento apresentados pelos alunos.

A variável área indicou uma melhor avaliação do desempenho entre os alunos de Humanas e Letras e Artes em comparação com os outros; aqui, talvez se possa atribuir o resultado ao tipo de conteúdo e formas de avaliação, mas isso ainda merece investigações complementares. Em relação ao gênero, a melhor avaliação feminina confirma alguns achados da literatura (MAIA et al., 2009) e pode ser atribuída à própria área de formação (em que as mulheres são maioria nos cursos de Humanas, por exemplo, e estão em menor número nos cursos de Exatas) e ao maior engajamento feminino às atividades acadêmicas, o que pode facilitar um maior contato com os conteúdos e o desenvolvimento de habilidades e competências que favoreçam o desempenho acadêmico.

Quanto ao período no curso, a observação de que a avaliação do desempenho melhora com o passar do tempo parece confirmar a idéia de que a partir da fase intermediária há um aumento crescente do contato do aluno com a profissão propriamente dita, um aumento da preocupação com o papel de trabalhador, uma inserção progressiva em atividades acadêmicas, fazendo com que os fatores relacionados ao desempenho passem a ter maior importância. Outra possibilidade de interpretação é que aqueles alunos cujo desempenho foi percebido como ruim ou abaixo das expectativas possam ter evadido em períodos iniciais do curso, como apontam os estudos sobre prevalência e causas da evasão (ALLEN et al., 2008; RIBEIRO, 2005; TODD et al., 2009).

Como ressalvas, assim como em relação ao mercado de trabalho, a investigação sobre o desempenho acadêmico neste estudo foi feita de forma generalista, a partir da percepção do aluno e referente ao desempenho global durante o curso. Seria interessante que novos estudos especificassem em relação a que aspectos a percepção do desempenho pode variar, além de estudos que avaliassem objetivamente o desempenho acadêmico dos alunos (e não apenas o desempenho percebido) para comparar as influências destes fatores sobre a trajetória acadêmica e o comportamento vocacional.

Referências bibliográficas

ALBERT, K.A. & LUZZO, D.A. The role of perceived barriers in career development: A social cognitive perspective. *Journal of Counseling and Development*, 77: 431-36, 1999.

ALLEN, J.; ROBBINS, S. B.; CASILLAS, A. & OH, I. Third-year College Retention and Transfer: Effects of Academic Performance, Motivation, and Social Connectedness. *Research on Higher Education*, 49: 647-64, 2008.

BARDAGI, M.P.; BIZARRO, L.; ANDRADE, A.M.J.; AUDIBERT, A. & LASSANCE, M.C.P. Avaliação da formação e trajetória profissional na perspectiva de egressos de um curso de psicologia. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28(2): 304-15, 2008.

BARDAGI, M.P.; LASSANCE, M.C.P. & PARADISO, A.C. Trajetória acadêmica e satisfação com a escolha profissional de universitários em meio de curso. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4: 153-66, 2003.

BROWN, S.D.; TRAMAYNE, S.; HOXHA, D.; TELANDER, K.; FAN, F. & LENT, R.W. Social cognitive predictors of college students' academic performance and persistence: A meta-analytic path analysis. *Journal of Vocational Behavior*, 72: 298-308, 2008.

CHOW, H.P.H. Life satisfaction among university students in a Canadian prairie city: a multivariate analysis. *Social Indicators Research*, 70: 139-50, 2005.

GONDIM, S.M.G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. *Estudos de Psicologia*, 7(2): 299-309, 2002.

KOMARRAJU, M.; KARAU, S.J. & SCHMECK, R.R. Role of the Big Five personality traits in predicting college students' academic motivation and achievement. *Learning and Individual Differences*, 19: 47-52, 2009.

LEHMAN, Y.P. *Estudo sobre evasão universitária: as mudanças de paradigmas na educação e suas conseqüências*. Tese de Livre Docência, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2005.

LENT, R.W.; BROWN, S.D.; TALLEYRAND, R.; MCPARTLAND, E.B.; DAVIS, T.; CHOPRA, S.B.; SUTHAKARAN, V. & CHAI, C. Career Choice Barriers, Supports, and Coping Strategies: College Students' Experiences. *Journal of Vocational Behavior*, 60: 61-72, 2002.

LEONE, E.T. & BALTAR, P. Diferenças de rendimento do trabalho de homens e mulheres com educação superior nas metrópoles. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 23(2): 355-67, 2006.

LINDLEY, L. Perceived barriers to career development in the context of social cognitive career theory. *Journal of Career Assessment*, 13(3): 271-87, 2005.

LOUNBURY, J.W., TATUM, H.E.; CHAMBERS, W.; OWENS, K.S. & GIBSON, L.W. An investigation of career decidedness in relation to “big five” personality constructs and life satisfaction. *College Student Journal*, 33(4): 646-52, 2005.

MAIA, R.P.; PINHEIRO, H.P. & PINHEIRO, A.S. Heterogeneidade do desempenho de alunos da Unicamp, do ingresso à conclusão. *Cadernos de Pesquisa*, 39(137): 645-60, 2009.

MELO, S.L. & BORGES, L.O. A Transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27(3): 376-95, 2007.

MONTEIRO, S.O.M.; TAVARES, J.P.C. & PEREIRA, A.M.S. Otimismo disposicional, sintomatologia psicopatológica, bem-estar e rendimento acadêmico em estudantes do primeiro ano do ensino superior. *Estudos de Psicologia*, 13(1): 23-29, 2008.

MORGAN, C.; ISAAC, J.D. & SANSONE, C. The role of interest in understanding the career choices of female and male college students. *Sex Roles*, 44(5/6): 295-320, 2000.

NEIVA, K.M.C. Fim dos estudos universitários: efeitos das dificuldades do mercado de trabalho na representação do futuro profissional e no estabelecimento de projetos pós-universitários dos estudantes. *Psicologia USP*, 7(1/2): 203-24, 1996.

PITCHER, J. & PURCELL, K. Diverse expectations and access to opportunities: is there a graduate labour market? *Higher Education Quarterly*, 52(2): 179-203, 1998.

PRIMI, R.; SANTOS, A.A.A. & VENDRAMINI, C.M. Habilidades básicas e desempenho acadêmico em universitários ingressantes. *Estudos de Psicologia*, 7(1): 47-55, 2002.

PÜSCHEL, V.A.A.; INÁCIO, M.P. & PUCCI, P.P.A. Inserção dos egressos da Escola de Enfermagem da USP no mercado de trabalho: facilidades e dificuldades. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(3): 535-42, 2009.

RIBEIRO, M.A. O projeto profissional familiar como determinante da evasão universitária: Um estudo preliminar. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(2): 55-70, 2005.

RUEDA, F.J.M.; MARTINS, L.J. & CAMPOS, K.C.L. Empregabilidade: o que os alunos universitários entendem sobre isto? *Psicologia Teoria e Prática*, 6(2): 63-73, 2004.

SILVA, M. & PADOIN, M. J. Relação entre o desempenho no vestibular e o desempenho durante o curso de graduação. *Ensaio: avaliação das políticas públicas em Educação*, 16(58): 77-94, 2008.

TEIXEIRA, M.A.P. & GOMES, W.B. Decisão de Carreira entre Estudantes em Fim de Curso Universitário. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 21(3): 327-34, 2005.

TEIXEIRA, M.A.P. & GOMES, W.B. Estou me formando... E agora? Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(1): 47- 62, 2004.

TODD, V.; MCILROY, D. & BUNTING, B. Individual differences in education: What do we know beyond ability? *Irish Journal of Psychology*, 30: 147-160, 2009.

VELOSO, T.C.M. A. & ALMEIDA, E.P. (2001). *Evasão nos cursos de graduação da Universidade Federal de Mato Grosso, campus universitário de Cuiabá: um processo de exclusão*. 24ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (www.anped.org.br/24/tp1.htm).

VENDRAMINI, C.M.M.; SANTOS, A.A.A. dos; POLYDORO, S.A.J.; SBARDELINI, E.T.B.; SERPA, M.N.F. & NATÁRIO, E.G. Construção e validação de uma escala sobre avaliação da vida acadêmica (EAVA). *Estudos de Psicologia*, 9(2): 259-68, 2004.

WOLTER, S.C. & ZBINDEN, A. Labour market expectations of Swiss university students. *International Journal of Manpower*, 23(5): 458-70, 2002.

